

**WATT, IAN; TRADUÇÃO HILDEGARD FIEST. A ASCENSÃO DO ROMANCE: ESTUDOS SOBRE DEFOE, RICHARDSON E FIELDING. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS. 1990. 262 P.**

*Eliane Dillmann<sup>1</sup>*

O autor dessa obra (Ian Watt) nasceu em Westmoreland em 1917 e estudou em St. John's College, Cambridge. Serviu na Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, retornou a Cambridge para lecionar. Lecionou em St. John's College (1948-52) e na Universidade de East Anglia, Norwich (1962-64). A partir de 1964 se encontra na Universidade de Stanford.

Nessa obra, Ian Watt trata da ascensão do romance no século XVIII (sobretudo na Inglaterra) relacionando-a a vários fatores: as filosofias inovadoras de Descartes e Locke, o realismo, as mudanças do público leitor e do papel social da mulher, a ascensão da classe média, o desenvolvimento do capitalismo, a secularização, o novo clima de experiência social e moral e, principalmente o individualismo, pois foi com o íntimo, com o particular ou com o individual que esse novo gênero surgiu.

O primeiro capítulo dessa obra - O Realismo e a Forma Romance - fala do surgimento do romance como uma nova forma literária, que segundo o autor se iniciou com três romancistas ingleses: Defoe, Richardson e Fielding.

Segundo Watt, a principal diferença entre o romance e a ficção que o antecede é o realismo; através de sua obra o romancista faz uma transfiguração da realidade, de toda a experiência vivida pelo homem.

Watt ainda traça um paralelo entre a ciência filosófica e o romance. Os filósofos e os romancistas possuem um mesmo objetivo que é o de relatar as verdadeiras experiências individuais. Assim como a filosofia de Descartes, o romance moderno também está voltado para uma orientação individual e inovadora. O filósofo Locke afirma que o tempo

<sup>1</sup> Resenha apresentada na disciplina de Sociologia, com requisito parcial para obtenção de créditos, sob a orientação da prof<sup>a</sup> Regina Coeli Machado e Silva.

<b>IDEAÇÃO</b>	Foz do Iguaçu	<b>n.4</b>	p.139-144	<b>2001</b>
----------------	---------------	------------	-----------	-------------

e o espaço são essenciais para a individualidade de qualquer objeto, assim como no romance, somente haverá verossimilhança e as personagens só terão individualidade se, no contexto, forem especificados o tempo e o espaço.

Nesse capítulo também se comenta que com a sociedade moderna, aparece o tempo cronometrado que é a noção de tempo individualizado (o que faço agora, depois, amanhã...).

No segundo capítulo, o autor fala de como o público leitor foi importante para o surgimento e para a ascensão do romance.

No século XVIII, as pessoas começam a se interessar mais pela leitura e, assim, há um crescimento do público leitor. O aumento dos indivíduos que compravam livros é conseqüência, provavelmente, do aumento da classe média, constituindo a grande parte dos leitores. Mas, apesar do romance já estar bem mais acessível, no século XVIII, ainda não era um gênero popular. As pessoas de menor poder aquisitivo, iam ao teatro ou compravam panfletos e jornais devido ao custo ser bem menor que o romance.

A maioria dos leitores de romances era formada por mulheres da classe média. Isso se deu, principalmente, porque elas quase não podiam fazer parte dos negócios ou se divertir, como os homens. A leitura era ao mesmo tempo uma forma de distração, como de prazer.

Em 1742, começaram a surgir as bibliotecas públicas, onde as pessoas podiam se inscrever por um preço baixo. Essas bibliotecas contribuíram para o crescimento do público leitor do romance, pois elas possuíam principalmente romances em suas dependências.

Esse capítulo também comenta a mudança do gosto de leitura, ou seja, da passagem do gosto religioso para o gosto laico, profano.

A partir do terceiro capítulo Watt tenta mostrar como o individualismo está inserido no romance, ele afirma tudo o que disse na introdução (primeiro capítulo) através das análises de alguns romances escritos por Defoe, Richardson e Fielding.

Esse capítulo - Robinson Crusoe, o Individualismo e o Romance - fala da grandeza literária de Robinson Crusoe e do individualismo contido nesse romance. Com o capitalismo, surgiu o individualismo e isso interferiu na literatura. A partir do século XVIII, escritores como Defoe, através das personagens, como é o caso de Crusoe, personificam o individualismo econômico. Todos os heróis de Defoe procuram o dinheiro.

Robinson Crusoe é obrigado a deixar sua família para cuidar de sua vida financeira. Isso é uma característica do individualismo, deixa tudo para viver sozinho.

Esse capítulo deixa claro que o romance aparece por causa do individualismo e é uma expressão do próprio individualismo. Crusoe é uma personagem do ponto de vista individualista moderna.

Watt diz que Moll Flanders (quarto capítulo) é um produto do individualismo e que Defoe é realista ao retratar as relações pessoais de Moll Flanders (criminosa) como uma série de encontros casuais, como os dos vagabundos e criminosos da vida real.

As qualidades positivas de Moll Flanders são as mesmas de Crusoe, um individualismo irrequieto, amoral, ardoroso. Nos romances de Defoe, o material prevalece sobre o moral; a personagem não sacrifica o material pelo moral.

Segundo o autor, Defoe foi muito importante para o romance, porque conseguiu fazer com que muitos temas (iniciados por ele) entrassem na tradição do romance.

Em Pamela (capítulo cinco), romance de Richardson, Watt afirma que o amor romântico domina o relacionamento dos amantes e, contudo, consegue incluir com realismo muitos problemas básicos da vida cotidiana.

Esse capítulo mostra que o surgimento do romance tem ligação com a liberdade feminina que se tornou maior na sociedade moderna. Essa liberdade se deve especialmente ao individualismo econômico, porque ele tendia a afrouxar os laços entre pais e filhos.

Pamela que era uma criada, para escapar da servidão até a maioridade teve que casar-se com seu patrão, constituindo uma escolha individual. Naquela época, a mulher não podia ter bens materiais, tudo pertencia ao homem.

Watt afirma que Pamela teve sucesso por corresponder às dificuldades e aos interesses da maioria das leitoras. Muitas dessas dificuldades tornaram-se comuns na sociedade moderna em consequência do individualismo econômico e da família conjugal. Richardson também fazia muitas descrições domésticas, o que despertava interesse nas leitoras e dava-lhe uma aparência da realidade da vida cotidiana.

Em Pamela, Richardson revela a mudança do papel feminino, onde a mulher não exerce nenhum tipo de serviço público.

No capítulo seis - A Experiência Privada e o Romance - Watt mostra como o individual e o privado contribuíram para o surgimento e para a ascensão do romance. O individualismo também contribuiu para o tipo de vida mental privada e egocêntrica dos heróis de Defoe e para a ênfase de Richardson na experiência privada.

Em seus romances Richardson também, muitas vezes, adota a carta que expressa os sentimentos do autor com maior sinceridade. O estilo narrativo desse autor reflete uma grande mudança: a transição da orientação objetiva, social e pública do mundo clássico para a orientação subjetiva, individualista e privada da vida e da literatura.

Aqui, o autor demonstra que o mundo do romance é essencialmente o mundo da cidade moderna; ambos apresentam uma visão da vida em que o indivíduo se volta para as relações privadas e pessoais.

Nesse capítulo há um retorno ao romance Pamela quando comenta-se da evolução da privacidade doméstica. Na Idade Média quase toda a vida da família transcorria num aposento comum; depois foram surgindo os dormitórios privados, as trancas nas portas, dentre outras coisas. Assim, Pamela aparece quando exige de mr. B. uma casa separada para seus pais.

Watt faz muitas comparações referentes à literatura de Defoe e Richardson. Por exemplo, ele diz que as heroínas de Richardson não participam da vida das ruas e dos lugares públicos com a Moll Flanders de Defoe. Outro exemplo é quando cita que Richardson utiliza-se da técnica de escrever quando os fatos ocorreram, parecendo real, já Defoe deixa transparecer que escrevia depois de já ter acontecido os fatos. E também diz que enquanto Richardson dá mais valor a moralidade, não importando o dinheiro, Defoe já dá mais valor a busca da segurança econômica (o amor só está presente se traz algum benefício econômico).

O sétimo capítulo - Richardson Romancista: "Clarissa" - compreende os mais importantes aspectos da vida privada e mostra particularmente os infortúnios a que pode levar a má conduta de pais e filhos, com relação ao casamento.

Aqui Watt retrata o profundo envolvimento de Richardson com todos os problemas da nova ideologia sexual e seu empenho em investigar os aspectos privados e subjetivos da experiência humana, produzindo um romance em que a relação entre os protagonistas representa um universo de conflitos morais e sociais.

No capítulo oito - Fielding e a Teoria Épica do Romance - Watt argumenta que o surgimento do romance tem a ver com a epopéia, o primeiro exemplo de gênero narrativo extenso e sério. Mas, diz que suas semelhanças são de natureza teórica e abstrata, pois a epopéia é um gênero oral e poético que aborda as façanhas públicas, que não condizem com as características do romance.

Segundo o autor, a impopularidade da epopéia se deu por excluir de seu contexto as expectativas normais da vida cotidiana que são as mesmas expectativas exploradas pelo romance.

Watt afirma que Defoe e Richardson rejeitavam o gênero épico porque seus valores, suas características não tinham a ver com esse gênero. Já Fielding, aderente a tradição clássica, tentou elaborar uma variante cômica da epopéia, mas ao fazer isso só possibilitou que surgissem mais diferenças que semelhanças da epopéia: as personagens cômicas dificilmente poderiam realizar atos heróicos, enquanto os enredos épicos se baseavam na História ou na lenda. Assim, o máximo que podia fazer era conservar algumas características gerais da trama épica.

Mas a partir de seu último romance (Amelia), Fielding já havia mudado muito em sua posição literária, já se aproximando mais da forma de escrever e de pensar de Defoe e Richardson. Então, Watt diz que a influência da epopéia foi pouco importante na tradição posterior do romance.

No capítulo nove - Fielding Romancista: "Tom Jones" - o autor faz uma comparação entre Fielding e Richardson, especialmente em seus respectivos romances Tom Jones e Clarissa, a fim de demonstrar suas intenções literárias opostas. Por exemplo, o primeiro se refere a coisas mais universais, enquanto o segundo a coisas mais particulares. Intensificam o contraste entre Fielding e Richardson como moralistas, os efeitos de seus pontos de vista narrativos muito diferentes.

Ainda comenta que em Tom Jones o nascimento é o fator determinante da trama, sendo quase o equivalente do dinheiro em Defoe ou da virtude em Richardson.

No último ou décimo capítulo - O Realismo e a Tradição Posterior: Um Comentário - Watt conclui ao falar que depois desses três escritores (Defoe, Richardson e Fielding), o romance passou a ter um papel crescente importante no mundo literário.

O autor fala que Sterne apresenta boas soluções para os grandes problemas formais levantados por seus predecessores. Ele dispensa

cuidadosa atenção a todos os aspectos do realismo formal: à particularização de tempo, local e pessoa; a uma seqüência natural de ação, e à criação de um estilo literário que apresenta o equivalente verbal e rítmico mais exato possível do objeto descrito.

Watt conclui ainda quando argumenta que as diferenças principais de método narrativo entre os romances de Richardson e os de Fielding são apenas soluções distintas de problemas presentes em toda a tradição do romance e cuja divergências aparentes na verdade podem conciliar-se harmoniosamente. A plena maturidade do gênero só se tornou possível quando se realizou tal conciliação. Assim, tanto no método narrativo como no meio social, há uma genuína continuidade entre os romancistas de início do século XVIII e seus principais predecessores.

O autor diz que a predominância das mulheres entre o público leitor de romances, relaciona-se com o tipo característico de fraqueza e irreabilidade a que o gênero está sujeito.

Conclui também, ao comentar que o romance está relacionado com a situação literária e intelectual muito mais intimamente do que se costuma lembrar. E, não há dúvida de que Defoe, Richardson e Fielding mereceram uma imortalidade literária mais estável que muitos romancistas posteriores dotados de maior sofisticação técnica por expressarem sua própria visão da vida com uma plenitude e uma convicção muito rara. Assim, podemos dizer que essa obra pode ser considerada um marco no estudo do romance por nos proporcionar um maior conhecimento do mesmo quanto ao seu surgimento e às mudanças que foram acontecendo ao longo do tempo e ainda por nos possibilitar uma melhor compreensão das principais características do romance.